

## **A correspondência passiva de Guimarães Rosa e o sistema literário brasileiro: reflexões sobre a circulação da obra literária.**

Doutoranda Maria do Rosário Abreu e Sousa (UPM)

### **Resumo:**

*Este ensaio discute a circulação de Sagarana, livro de estreia de Guimarães Rosa lançado em 4 de abril de 1946. Para tal, analisa cinco cartas endereçadas ao escritor nos anos de 1946 (3 cartas), 1951 (uma carta), 1953 (duas cartas), 1954 (uma carta) 1967 (uma carta). Os pressupostos teóricos que orientam a pesquisa são o discurso epistolar e a estética da recepção.*

**Palavras-chave:** circulação, Sagarana, cartas, Guimarães Rosa.

Por revelar muito acerca da circulação da obra literária, a correspondência sobre a recepção de *Sagarana*, arquivada no Fundo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), constitui-se em uma fonte preciosa para o conhecimento do funcionamento do sistema literário. Desde o mercado editorial relativamente bem organizado do Rio de Janeiro, àquela época a capital do país, até a precariedade da distribuição em capitais de Estado e conseqüentemente em cidades do interior do país. Conta também o crescimento e amadurecimento do mercado cultural brasileiro que gira em torno da obra literária, expandindo sua circulação seja através das traduções para línguas estrangeiras, seja através da adaptação para outros códigos semióticos. Conta ainda a importância das práticas informais de circulação e divulgação dos bens culturais.

Nesse sentido destacam-se cinco cartas como aquelas que mais revelam sobre a circulação de *Sagarana* ao longo de três décadas. A referência a elas será feita através dos mesmos códigos com que aparecem no Arquivo João Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (Arq. JGR – IEB/USP), a saber: Cx4cp03, Cx4cp05, Cx4cp07, Cx4cp67 e Cx4cp78.

### **1 Estratégias de circulação**

Em duas (Cx4cp03 e 07), o papel timbrado respectivamente das editoras Agir e a Anchieta, aponta já para o conteúdo comercial, e a persona “profissional” dos remetentes.

A primeira delas (Cx4cp3), datada de 23 de abril de 1946, portando dezenove dias após o lançamento de *Sagarana*, é assinada por Alceu Amoroso Lima (1893-1983) que dá a conhecer a Guimarães Rosa o interesse da Editora Agir “em lançar uma edição ilustrada do livro SAGARANA, de autoria de V. S.” (Cx4cp3).

Uma edição ilustrada não tem apenas uma intenção estética, embora esta pareça a mais óbvia. A ilustração também tem a função de facilitar a compreensão do texto escrito, o que parece evidenciar a solidariedade do editor para com aqueles leitores que tivessem dificuldade com a leitura do livro, ou ainda a curiosidade de conhecer objetos e seres típicos do sertão mineiro.

A importância que a ilustração assume no discurso crítico e editorial já mostra a abertura virtual de *Sagarana* e de toda a obra rosiana para o diálogo intersemiótico, principalmente com as artes plásticas e a fotografia, como mostrarão futuramente as ilustrações de Santa Rosa (1909-1956), Poty (1924-1998) e Luiz Jardim (1901-1987), elaboradas em colaboração com o próprio Rosa; e, mais recentemente, as pinturas, desenhos e xilogravuras de Arlindo Daibert (1998), cuja

série *Grande sertão: veredas* mereceu várias exposições como a do Museu da Arte Moderna do Rio de Janeiro no ano de 2007.

Talvez ao perceber a abertura da obra rosiana para o diálogo com as artes plásticas, o remetente, Alceu Amoroso Lima (Cx4cp03), tenta seduzir o escritor. Para tanto, apela menos para o seu prestígio de crítico e escritor consagrado, que reconhece a excelência do texto rosiano, do que para a materialidade do livro, que merecerá “um trabalho gráfico bem cuidado, enriquecido por numerosas ilustrações, à altura, consequentemente do mérito da obra de V. S.” (Cx4cp3).

Mas, se a carta de Alceu Amoroso Lima (Cx4cp3) sugere um mercado editorial relativamente bem organizado na cidade do Rio de Janeiro, atento a potenciais sucessos de vendas, o avesso desta situação é o que se depreende do relato de Vicente Guimarães, tio do autor (Cx4cp7), que em carta de 5/5/946, assume tanto a persona do familiar, amigo e leitor, como a do representante comercial da Editora Anchieta.

Nessa carta, Vicente Guimarães pede ao escritor que solicite com urgência a seu editor o envio de exemplares de *Sagarana* para serem vendidos em Belo Horizonte, uma vez que, “Tenho feito muita propaganda e também as notícias nos jornais do Rio de Janeiro e as críticas têm chegado aqui causando ansiedade. Preciso também que você me mande dois retratos seus para completar a propaganda” (cx4cp7).

Mais rápida do que a distribuição dos livros, a crítica amplamente favorável a *Sagarana*, veiculada pelos jornais chega primeiro aos ouvidos dos leitores. Some-se a isso a propaganda informal, o boca-a-boca disseminado por esse leitor, que gera segundo ele, uma grande expectativa do público que quer adquirir o livro, mas não o encontra nas livrarias. Ao descrever seu *modus operandi* como representante da Editora Anchieta, evidencia o importante papel dos livreiros na circulação da obra literária nos anos 1940.

Tenho 40% sobre a capa e dou 30% aos livreiros, ficando com 10%. Tiro os pedidos em 3 vias. Dou uma ao freguês, fico com uma, e envio a outra à Editora, para faturamento. Se a Editora Universal concordar em me dar a representação nesta Capital, pode mandar-me inicialmente 200 *Sagarana* I (Cx4cp7)

Entretanto, é o *post-scriptum* da carta, “Mande-me um exemplar para Mario Casassanta e outro para ‘Alterosa’, ou melhor, para Miranda e Castro, diretor do ‘Alterosa’” (Cx4cp7), que revela a prática de circulação que mais reverbera nas demais cartas sobre a recepção de *Sagarana*: o envio do livro como presente, cortesia que parece ter inicialmente duas intenções.

A primeira seria estimular a leitura do livro por parte de formadores de opinião, já que, como ver-se-á a seguir, a imensa maioria daqueles que receberam o livro de presente são leitores capazes de cativar outros leitores.

A segunda refere-se ao protocolo de cortesia que reza deve aquele que recebeu o presente, agradecê-lo. Isso implicaria em princípio, na leitura do livro, ou parte dele, fornecendo um *feed-back* precioso ao escritor, como atesta esse missivista: “Recebi seu livro, seu excelente livro, seu régio presente. Não lhe quis escrever mesmo para um simples agradecimento, antes que o tivesse lido” (Cx4cp35).

As cartas que agradecem o envio do presente totalizam o número de 26 (Cx4cp2, 4,5,8,12,17,18,19,23,21,25,29,32,35,46,50,57,58,61,63,64,69,71,73,81,84) o que corresponde a mais de um terço das cartas da correspondência.

Quanto aos remetentes que agradecem o presente, pode-se agrupá-los em três subconjuntos. O primeiro são os familiares, composto por três cartas (Cp4cx2, 32, 84). O segundo corresponde aos amigos ou colegas de trabalho, que são em número de doze (Cx4cp 4, 12, 19, 29, 35, 57, 61, 63, 64, 69, 73, 81). O terceiro subconjunto, composto por intelectuais (escritores, críticos literários, jornalistas e políticos), totaliza treze cartas (Cx4cp5, 8, 18, 21,23, 25, 50, 57, 58, 61, 64, 71),

contando-se duas vezes a carta do tradutor e crítico Paulo Rónai (Cx4cp5), que comunica a Guimarães Rosa já haver entregue o exemplar de *Sagarana* destinado a Aurélio Buarque de Holanda.

Ora, ao considerar-se o peso de tais destinatários no campo da inteligência brasileira da época, pode-se inferir que o mimo gentilmente ofertado às pessoas nomeadas na tabela abaixo, faria parte de uma estratégia elaborada com dois objetivos.

Paulo Rónai	Crítico literário, tradutor	Cx4cp5
Aurélio Buarque de Holanda	Crítico literário, escritor, tradutor, lexicógrafo	Cx4cp5
Francisco M. F. de Andrade	Jornalista	Cx4cp8
Monteiro Lobato	Escritor, crítico literário, editor	Cx4cp18
Carlos Drummond de Andrade	Escritor, crítico literário, jornalista	Cx4cp21
Geraldo França Lima	Escritor	Cx4cp23
Getúlio Vargas	Presidente da República, membro ABL	Cx4cp25
Almeida Sales	Jornalista, crítico literário	Cx4cp50
Claudio de Souza	Escritor, membro ABL	Cx4cp57
Gustavo Capanema	Político, Ministro da Educação	Cx4cp58
Maurício Nabuco	Escritor, diplomata	Cx4cp61
Nertan Macedo	Escritor, jornalista	Cx4cp64
Rosemar Pimentel	Crítico literário	Cx4cp71

O primeiro, e mais evidente objetivo da oferta tem a ver com o status de formadores de opinião dos intelectuais acima elencados, que provavelmente teceriam comentários acerca de *Sagarana* com pessoas próximas, possivelmente outros intelectuais, criando assim, um “boca-a-boca” favorável ao livro.

O segundo objetivo tem a ver com a estrutura precária da editora Universal, que, como demonstra a carta de Vicente Guimarães (Cx4cp7), não contava com um sistema de divulgação e de distribuição eficiente.

## **2- Traduções e adaptações**

A terceira carta (Cx4cp05) selecionada como sugestiva do sistema literário na medida em que é reveladora dos bastidores do mercado editorial é assinada pelo crítico literário Paulo Rónai, e assim como aquela assinada por Alceu Amoroso Lima (Cx4cp03), está impregnada pelo discurso sedutor.

Se Alceu Amoroso Lima tenta arregimentar Guimarães Rosa para a editora Agir acenando com a possibilidade de uma edição bem elaborada condizente com a estrutura infinitamente superior à da pequena e estreante editora Universal, Rónai acena com duas possibilidades.

A primeira é a publicação de um artigo em periódico, cujo foco será a estrutura narrativa, uma vez que, Rónai, húngaro de nascimento radicado no Brasil havia apenas quatro anos, avaliava insuficientes seus conhecimentos acerca da língua e da cultura brasileira

*Sagarana* tem alguns aspectos que eu de maneira alguma poderia abordar: os da língua, do estilo, da cor local exigem apreciação de críticos e eruditos brasileiros. Mas, talvez possa-me aventurar a examiná-lo de um ponto de vista especial, o da arte de contar, problema de que tanto me preocupo desde que estou compilando *Mar de Histórias*. A minha segunda leitura do livro obedecerá pois, a esse critério. (E já prevejo uma terceira, exclusivamente consagrada a um estudo lingüístico, só

para mim, a fim de completar meus conhecimentos do português do Brasil; e uma quarta, inteiramente desinteressada, só pelo prazer de ler e saborear...) (Cc4cp5)

A segunda possibilidade, bem mais atraente no que diz respeito à circulação, é a tradução, que abriria as portas do mundo para *Sagarana*.

Um de meus futuros projetos consiste na publicação de uma antologia húngara do conto brasileiro e, desde já, peço autorização para incluir o primeiro da lista acima [A hora e a vez de Augusto Matraga] (De certo, não será fácil traduzi-lo). Penso incluir nesse livro ao máximo doze contos, de outros tantos autores: Machado, Lima Barreto, Mário de Andrade, Alcântara Machado, Ribeiro Couto, Marques Rabelo, Haníbal Machado, Monteiro Lobato, Luís Jardim, Lia Correa Dutra, Aurélio Buarque de Holanda...Espero, aliás, que me ajudará com sugestões. Já entreguei ao Aurélio o exemplar dele (Cx4cp7)

Chama a atenção o discurso persuasivo de Rónai. A lista, que se inicia com Machado de Assis, Lima Barreto, Mário de Andrade e Alcântara Machado (já falecidos), prossegue com autores ainda vivos àquela época. Quem fecha a lista é o companheiro de Rónai na organização da antologia de contos mundiais *Mar de histórias*, Aurélio Buarque de Holanda, seguido de reticências, o que marcaria o caráter quase irrecusável do convite, que, se aceito, ampliaria a circulação de *Sagarana* para além das fronteiras da língua portuguesa.

Quanto aos projetos de Rónai anunciados nessa carta, o artigo intitulado “A arte de contar em Sagarana” foi publicado no mesmo ano, em 14 de julho de 1946 no periódico carioca *Diário de Notícias* (Arq. JGR-IEB/USP R1). Entretanto, a antologia húngara de contos brasileiros, *Boszorkányszombat*, seria publicada apenas em 1986, e o conto traduzido não foi “A hora e a vez de Augusto Matraga”, como anunciado em carta, mas “A terceira margem do rio”. (SPIRY,Z., 2009 p.39-40).

A tradução constitui-se em um instrumento caro à circulação da obra literária, uma vez que abre ao escritor não apenas a possibilidade de aumentar o público leitor, mas principalmente a possibilidade de consagração mundial, haja vista o efeito de um prêmio Nobel na vida de um escritor.

Entretanto, a tradução do texto literário exige uma série de cuidados para que ela consiga manter a qualidade do texto original.

Nesse sentido, a carta (Cx4cp67) enviada por Vasuhian (?) ou Vassili (?) datada de Rosário, 22 de setembro de 1953, aborda alguns aspectos preciosos, acerca da relação de Guimarães Rosa com seus tradutores.

Meu caro Guimarães Rosa: Recebi ontem a sua carta do dia 12 e muito lamento a sua decisão. Embora reconheça a extraordinária dificuldade de traduzir “Sagarana” acreditava que poderíamos chegar a fazer um bom trabalho. [...] Cumprimentos à sua esposa e aceite afetuoso abraço de seu amigo que muito desiludido ficou com a sua carta (Cx4cp67).

Ao reconhecer a necessidade de condições singulares para a tradução de *Sagarana*, que demandaria “estivéssemos em cima, submetendo qualquer dificuldade à sua apreciação no Rio” (Cx4cp67), a carta antecipa um dos desdobramentos mais caros do contexto das traduções da obra rosiana: a necessidade do diálogo constante entre autor e tradutor, que posteriormente resultaria na publicação de parte da numerosa correspondência de Guimarães Rosa com seus tradutores.

Tão cara à circulação da obra literária quanto a tradução para a língua estrangeira é a adaptação para a mídia áudio-visual, cujos grandes representantes são o cinema e a televisão. Ambas podem expandir a recepção para além das fronteiras nacionais, e do público mais letrado.

Se as cartas de Alceu Amoroso Lima (Cx4cp3), Vicente Guimarães (Cx4cp7), Paulo Rónai (Cx4cp5) e Vasili(?) (Cx4cp67) revelam os bastidores do mercado editorial, a quinta carta (Cx4cp78) sugestiva do sistema literário, conta os bastidores do mercado cinematográfico, com sua dinâmica própria, e suas relações com o Estado.

Originária do Rio de Janeiro, datada de 25 de janeiro de 1967, quem escreve a Guimarães Rosa é o cineasta Gerson Tavares, que propõe a compra dos direitos autorais de “Duelo”, um dos nove contos de *Sagarana*.

Escrita vinte e um anos após o lançamento do livro, a carta (Cx4cp78) pode ser vista no contexto da correspondência sobre a recepção de *Sagarana* como representativa de um amadurecimento do sistema literário brasileiro, na medida em que este vai cada vez mais se profissionalizando, como mostram as seguintes referências aos direitos autorais.

Parodiando o “Sagarana”: “pra ser um dia de chuva..., só falta mesmo um pouco de chuva...,” eu poderia dizer que para fazer “O Duelo” só falta mesmo o Sr. me ceder os direitos... [...] Assim, venho lhe propor, pelas minhas desculpas pela crueza da objetividade, a compra dos direitos d’“O Duelo” para o cinema [...] Gostaria aqui, sem o menor espírito alcoviteiro, de lhe dar uma informação sobre preços de direitos, etc., para o Sr. ter uma idéia da minha proposta. O Pedro Bloch acaba de vender os direitos de “Os Pais Abstratos” por 3.000.000 (Cx4 cp78).

Outro indício desse amadurecimento são as cifras citadas pelo remetente. A fim de tornar mais transparente sua proposta – dois milhões e quinhentos mil cruzeiros à vista – o remetente coloca Guimarães Rosa a par da cifra da compra dos direitos autorais de um outro livro para o cinema. Trata-se de *Pais Abstratos*, do escritor Pedro Bloch, vendido por três milhões de cruzeiros.

As vantagens?

Segundo o próprio cineasta relata na carta em tela (Cx4cp78), Guimarães Rosa estaria vendendo apenas um dos nove contos de *Sagarana*, ao passo que Pedro Bloch além de vender o livro todo ainda colaboraria no roteiro do filme.

A pressa do cineasta em comprar os direitos autorais do conto “Duelo”, além de obviamente estar relacionada à complexidade dos aspectos que envolvem uma produção cinematográfica, parece também relacionar-se a um momento especial tanto do cineasta, quanto da recepção da obra rosiana, que nos anos 1960 começava a concretizar o diálogo com as artes cênicas e o cinema: “Acontece que eu tenho que decidir o filme que vou fazer. Agora. Já. Isso porque há no momento uma ótima possibilidade para eu fazer um filme, e eu quero fazer “O DUELO”. Fazer bem. Sei que posso” (Cx4cp78).

Guimarães Rosa faleceria em novembro do mesmo ano de 1967, e o conto seria filmado por outro cineasta, Paulo Thiago, em 1973, sob o título de *Sagarana, o duelo*.

A ênfase dada ao tempo na carta de Gerson Tavares (Cx4cp78), conduz à observação da longa maturação dos projetos relacionados à expansão da circulação da obra rosiana anunciados nessa correspondência. Eles levariam no mínimo mais de uma década para a sua concretização.

No âmbito da tradução, a primeira – *L’heure et la chance d’Augusto Matraga* – levaria doze anos para ser publicada. Por sua vez, Paulo Rónai, como já mencionado, levou quarenta anos para publicar *Bozorkányszmbat*, a antologia húngara do conto brasileiro anunciada em carta (Cx4cp5) de 2 de maio de 1946.

Para o teatro foram adaptados *A volta do marido pródigo* (1960), baseado no conto homônimo de *Sagarana*, direção e adaptação de Léo Gilson Ribeiro, montagem do Grupo Experimental de Teatro do Instituto Italiano de Cultura. *Boi de Carro* (1967), adaptação do conto “Conversa de Bois” de *Sagarana*, pelo Teatro Chique-Chique, do Rio de Janeiro e *João Guimarães Rosa: veredas*, adaptação de vários textos de Guimarães Rosa por Renata Pallottini, dirigido por

Therezinha Aguiar e encenado no Teatro Anchieta em São Paulo (Cadernos de Literatura Brasileira Guimarães Rosa 2006 p.341).

O projeto de adaptar *Sagarana* para o cinema é dado a conhecer em telegrama de 18 de outubro de 1951, em que Franco Zampari declara “peço não esquecer interesse Verafilme terah filmar brevemente Sagarana” (Cx4cp55). Entretanto, o projeto concretizar-se-ia apenas quinze anos depois.

A carta do cineasta Gerson Tavares (Cx4cp78), também propicia uma reflexão sobre o peso do Estado como mediador da produção cultural.

O meu filme [Amor e desamor] já ganhou 4 prêmios e está inscrito para representar o Brasil no próximo Festival de Cannes (seleção a ser feita pelo Itamarati). Espero que o Sr. não me faça fazer mais filmes, ganhar outros prêmios, e até mesmo um Prêmio Internacional, para então me dar “O Duelo”!... Eu quero ganhar o Prêmio Internacional é com “O Duelo”! (Cx4cp78)

O fato de ser o Ministério das Relações Exteriores, e não o da Educação, Cultura ou um órgão não-estatal representativo da indústria cinematográfica o responsável pela indicação de um filme que representaria o Brasil em um festival de cinema estrangeiro, aponta para o papel do Itamaraty como uma espécie de fiador da cultura brasileira. É a instituição habilitada a fornecer o selo de qualidade à produção cultural brasileira.

### **3- Máscaras e identidades**

Ao comparar-se as cinco cartas mais sugestivas do sistema literário dessa correspondência (Cx4cp3,5,7,67,78), observa-se que a construção da identidade dos remetentes que se apresentam ao destinatário como potenciais agentes propulsores da expansão da circulação de *Sagarana*, dá-se através da persuasão da competência, que ocorre de diferentes modos e graus.

Aqueles que menos vestem a máscara da competência são Alceu Amoroso Lima (Cx4cp3) e Vicente Guimarães (Cx4cp7). Menos o primeiro do que o segundo.

Nesse sentido, o papel timbrado das editoras Agir (Cx4cp3) e Anchieta (Cx4cp7), integra-se ao corpo das cartas, de modo a constituir um signo “verbo-visual” (BRAIT, 2010, p. 193-194), cujo efeito de sentido remete para a identidade dos remetentes, conferindo-lhes o selo da competência: eles são profissionais do mercado editorial.

No caso da carta enviada por Alceu Amoroso Lima (Cx4cp3), quatro aspectos convergem para a construção de um signo verbo-visual de competência e profissionalismo inscritos no papel timbrado. Primeiramente, a vivacidade do vermelho do timbre da empresa, escrito com letras maiúsculas cheias, destaca-se da discrição dos caracteres pretos datiloscritos sobre o branco do suporte. Visualmente, isso confere ao timbre da empresa um peso igual ou maior do que o corpo da carta de apenas três parágrafos. Em segundo lugar, a razão social – sociedade anônima – confere uma aura de modernidade, de profissionalismo, de competência que se opõe às pequenas empresas familiares. Em terceiro lugar, as palavras artes, tintas e metal, sugerem desenho, pintura, gravura e encaixam-se bem com a proposta do remetente: uma edição ilustrada de *Sagarana*. Por último, a sigla “Agir”, somatória das primeiras letras do nome da empresa, e nome com o qual ela é conhecida, remete a ação, iniciativa, dinamismo, compactando as idéias de trabalho, dinamismo, modernidade, profissionalismo e competência, em um só nome: “Agir”.

No caso da carta (Cx4cp7) de Vicente Guimarães, ao contrário daquela de Alceu Amoroso Lima (Cx4cp3), o timbre da empresa – Editora Anchieta S/A – não ofusca o corpo da carta. Há um equilíbrio entre os dois elementos, o que pode ter contribuído para que o remetente dedicasse um parágrafo à persuasão de sua competência, que, no entanto, também pode ser interpretado apenas

como uma explicação ao destinatário, leigo no assunto, dos detalhes financeiros da transação comercial que envolvia a venda e a distribuição de livros.

Já na carta de Paulo Rónai (Cx4cp5) a competência é construída de maneira diversa. Húngaro de nascimento, graduou-se em filologia românica na França onde também doutorou-se em literatura francesa, especializando-se em Balzac. Aprendeu português sozinho. Quando traduzia alguns poemas brasileiros para o húngaro, conheceu o diplomata, poeta e membro da Academia Brasileira de Letras, Ribeiro Couto (1898-1965), que o ajudou na tarefa através do diálogo epistolar. Posteriormente, Ribeiro Couto o ajudaria também a fugir do nazismo, imigrando para o Brasil, onde chegou em 1941.

Rónai portanto, começava a construir no Brasil, uma identidade de competência que tivera início no continente europeu, onde ela estava bem mais sedimentada. A leitura de *Sagarana* é feita através da alternância de duas máscaras. Quando o remetente refere-se à língua portuguesa falada no Brasil, e à cultura brasileira, ele usa a máscara de aprendiz. Quando refere-se aos conhecimentos já adquiridos na Europa, usa a máscara de mestre.

Embora me considere apenas um estudioso de literatura e nunca tenha tido pretensões de crítico ou ensaísta, não poderei resistir à tentação de analisar num artigo seus contos. [...] *Sagarana* tem alguns aspectos que eu de maneira alguma poderia abordar: os da língua, do estilo, da cor local exigem apreciação de críticos e eruditos brasileiros. Mas, talvez possa-me aventurar a examiná-lo de um ponto de vista especial, o da arte de contar, problema de que tanto me preocupo desde que estou compilando *Mar de Histórias* [...] E já prevejo uma terceira [leitura], exclusivamente consagrada a um estudo linguístico, só para mim, a fim de completar meus conhecimentos do português do Brasil [...] Quis comunicar-lhe também, lealmente, minhas restrições, mas não as tenho – a não ser que o estilo, às vezes, me parece denso demais, “trop touffu”. Agora é bem possível que isto apenas seja uma prova do meu desconhecimento da língua brasileira e de seus inúmeros recursos (Cx4cp5).

É como mestre, portanto, que ele interferirá na circulação de *Sagarana*, quer escrevendo um ensaio, quer traduzindo um de seus contos.

Já nas cartas de Vasili (?) (Cx4cp67) e de Gerson Tavares (Cx4cp78), a competência é construída através da mediação de pessoas que cancelam a competência daquele que se propõe a agir no sentido de expandir a circulação de *Sagarana*, quer traduzindo o livro para o espanhol (Cx4cp67), quer adaptando-o para o cinema (Cx4cp78).

No caso de Vasili (?) (Cx4cp67), é o próprio remetente quem faz o papel de mediador, que chancela a competência do candidato a tradutor,

Adolfo Casalheanea (?), ex ministro da educação, bom conhecedor do idioma luso e pessoa de grande cultura, folclorista também poderia realizar satisfatória tradução castelhana sobretudo se estivéssemos em cima, submetendo qualquer dificuldade à sua apreciação no Rio e algum (?) decano da faculdade de Letras, Dr Frines (?) grande amigo meu. (Cx4cp67).

No caso de Gerson Tavares (Cx4cp78, ele primeiramente declara tanto seu forte desejo de realizar o filme, como sua capacidade de fazê-lo: “eu quero fazer ‘O Duelo’. Fazer bem. Sei que posso. [...] Eu quero ganhar o Prêmio Internacional é com ‘O Duelo’!” (Cx4cp67). A confirmação de sua competência vem através do reconhecimento da crítica especializada que concedeu quatro prêmios ao seu filme *Amor e Desamor*. Entretanto, aos olhos do remetente, isso parece insuficiente, e ele apela para a mediação de pessoas, que ele avalia capazes de chancelar sua competência.

Este filme saiu no Rio em outubro p. passado (mandei-lhe um convite) e eu gostaria muito que o Sr. conversasse sobre ele e sobre a minha pessoa, com o Darcy, com Pedro Bloch e com o Carlos Heitor Cony. Eu tenho roteiro

cinematográfico pronto para o seu conto. Mostrei-o ao Darcy e ele gostou muito. Fale com ele. (Cx4cp78).

A presença de tais mediadores que cancelam a competência de dois agentes – tradutor e cineasta – potencialmente capazes de expandir a circulação de *Sagarana*, parece indicar a existência de uma rede constituída por pessoas atentas às possibilidades de expansão da circulação da obra literária, seja através da tradução para línguas estrangeiras, ou para outros códigos semióticos.

A correspondência sobre a recepção de *Sagarana* também revela uma prática informal de circulação bastante comum até há algum tempo atrás, quando as pessoas que viajavam para o exterior ou para o Brasil, eram portadoras de pequenos objetos como discos ou livros, que demorariam a cruzar o oceano Atlântico quer pela precariedade da distribuição, quer pela falta de mercado consumidor para esses produtos.

Originária de Londres, a carta (Cx4cp27) ilustra bem essa prática informal de circulação. “*Sagarana* nos foi entregue há dias, isto é, M... foi buscá-lo na Embaixada onde estivera sobre uma mesa durante muito tempo até que seu amigo V... deu por ele e me informou a respeito”.

Se por um lado os empréstimos de livros sempre foram uma das práticas de circulação mais comuns, o destinatário do empréstimo em tela sugere o peso que a circulação informal de bens culturais tinha para a academia, o que só fortalece a importância dessa prática informal. “É pena que não tenha aqui o livro que emprestei a um professor de português da Universidade de Bruxelas” (Cx4cp27).

## **Conclusão**

A análise das cinco cartas, relacionando-as aos mecanismos e agentes envolvidos na circulação da literatura no Brasil daquele tempo, permitiu que se esboçasse um capítulo da “história da circulação de *Sagarana*” ao longo de três décadas. Esse capítulo aponta: A)- o crescimento e amadurecimento do mercado cultural brasileiro. B)- a importância nesse mercado tanto do Estado quanto das práticas informais. C)- o longo tempo de maturação e concretização de projetos, anunciados nas cartas, de expansão da circulação de *Sagarana*. D)- a profissionalização ainda precária tanto do escritor como dos agentes envolvidos na circulação da obra literária. E)- projetos de traduções (para línguas estrangeiras), e de adaptações (para outros códigos intersemióticos), tanto como estratégias de consagração, quanto como propulsores da popularização do escritor e sua obra.

## **Referências Bibliográficas**

ARQUIVO João Guimarães Rosa. Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) / Universidade de São Paulo (USP).

BRAIT, Beth. *Literatura e Outras Linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.

CADERNOS de Literatura Brasileira Guimarães Rosa Instituto Moreira Salles. São Paulo, 2006.

DAIBERT, Arlindo. *Imagens do Grande Sertão*. Belo Horizonte: Juiz de Fora: Ed UFJF, 1998.

ROSA, João Guimarães. L’heure et la chance d’Augusto Matraga. Tradução de Antonio e Georgette Tavares Bastos. In *Les vingt meilleures nouvelles d’Amérique Latine*. Paris: Seghers, 1958.



**XII Congresso Internacional da ABRALIC**  
*Centro, Centros – Ética, Estética*

**18 a 22 de julho de 2011**  
**UFPR – Curitiba, Brasil**

SPIRY, Zsuzsanna. *Paulo Rónai um brasileiro made in Hungary*. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos e literários em inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo 2009.

**Maria do Rosário Abreu e Sousa**  
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)  
Mackpesquisa  
abreu.rosario@ig.com.br